**Qual é o nome da Senhora?**

Meu nome é Vera Lúcia da Silva.

**Dona Vera Lúcia, a senhora está abrigada a quanto tempo?**

Olha, eu já tenho, já não tenho, não tem um mês ainda não. Tem uns 15-20 dias

**A senhora está sozinha no acolhimento?**

É agora está eu e 2 netinhos meu, porque não sei se a Cida já te falou que eu estou cuidando de 2 netos, Porque a nelinha está presa. Ela está presa lá em, como é que chama lá a cidade, é numa cidade de Goiás, agora foi transferida para Arizona. Eu nem sei onde que é essa cidade. Ela estava lá, presa nessa cidade de Goiás, eu esqueci o nome.

**Qual é a idade dos seus netos?**

Um tem 1 ano, um ano e cinco meses o outro tem 3 anos.

**E qual a idade da sua filha?**

A nelinha está com 26 anos.

**E ela está presa há quanto tempo?**

Há tadinha! Está com 8 meses. Vou até, eu queria ver se vocês podiam me ajudar com advogado, porque a Cida tá achando melhor sim eu mudar pra lá, pra gente ficar perto dela, né? Mas como é que eu vou com esse meninos todos daqui? Eu tô pensando assim, chovendo demais. Eu vou com pouco dinheiro, tá certo que ela vai me dar a passagem, mas chega lá não vou arrumando casa. Aí eu estou pensando assim, se eu arrumasse um advogado daqui, tivesse um jeito de conseguir falar lá, ver como é que ele vai estar o negócio dela lá, o problema dela, se ela vai demorar a sair, aí pagar para tirar ela, né? Pagar, eu não posso pagar, não, tem que ser um do estado. Falar a verdade, porque eu sou aposentada, eu vivo com 700 conto.

**A senhora já procurou a Defensoria?**

Não procurei ainda não, ontem que eu estive planejando isso, aí eu falei com ela hoje, ela falou é melhor dona Vera, nós estamos pensando que é melhor a senhora se mudar pra lá. Que fica perto dela. Isso é bom também, mas como está chovendo muito, eu não sei como é que vai ser lá na minha chegada, né? Pra mim andar, caçar casa, eu sozinha com 2 menino.

**São três, né?**

É, 3 comigo. E o mais velho dá trabalho, ele dá trabalho, ele entra na frente de carro e eu tenho que ficar segurando o pequeno, puxando a mão dele, e ele é desobediente, fala com ele e ele responde, ele fala, por que ele tá revoltado por conta da mãe, é muitos dias sem a mãe, ai fica revoltado.

**E antes de vir parar aqui no acolhimento, a senhora estava onde?**

Eu tava morando em Itumbiara, casa alugada. Mas lá estava ruim porque a gente é assim, a gente estava eu, minha filha mais nova e meu genro. Meu genro não queria trabalhar, só comer e beber às minhas custas, ficar à toa. E eu achei muito difícil ficar lá cuidando deles 2. E eu ficar lá com esses dois 2 meninos, arrumando as coisas. Lá não faltava, graças a Deus. Cesta básica o povo me ajudava muito, o povo do Conselho Tutelar, o povo do Cras, mas só que o que tinha ele comia mais ela, acabava e eles não punha dentro. Aí eu tinha que se virar em tudo, pegar meu dinheirinho, comprar de novo. Aí eu achei difícil. Aí ela falou, teve um dia que Deus tocou nela: mãe, vamos lá para Brasília. Aí nós veio e ficou uns 2 dias encolhidas ali embaixo, no plano piloto, na rodoviária. Aí nóis ficou lá, tava cheio aqui, aí saiu a vaga nóis veio pra cá. Aí ela arrumou uma confusão aqui, que ela bateu no meu neto, na cara do meu neto mais velho. Aí o povo chamaram a polícia, a polícia veio e levou ela. Aí ela ficou presa um pouquinho lá. Depois soltou e ela veio. Aí no outro dia ela veio pegar o cartão comigo pra receber o dinheiro dela, me xingou tudo aqui. Aí eu falei, o que é minha filha que você precisa. Você não vai ficar aqui não. O que que você precisa? Não, mãe, não, você não é minha mãe não desgraça, xingando eu daquele nome assim, não fala meu nome de fia, não, você é minha mãe não. Aí ficou revoltado até comigo, sendo que eu não tenho culpa de nada. O povo que chamou a polícia pra ela. Eu falei, meu Deus, com né, que faz umas coisas, não é eu. Ela que foi errada, bater num menino. Ela tem batido nele muito aqui, umas três vezes, aí o povo pegou e revoltou, chamou a polícia. Falou, o jeito é chamar, porque a Adriana não quer consertar, falava com ela. Ela também tem problema, sabe? Quando o problema dela ataca, muita nervosia, é aonde que ela fica estressada. Ela responde as pessoas, ela tem transtorno bipolar. Ela fez exame aqui em Goiânia. Aí, deu se assim, não é culpa dela, ela é doente, mas também eu não sou culpada do povo chamar a coisa pra ela, tá certo. Ela errou, né? Tá bom, é desse jeito.

**E por que a senhora resolveu, achou melhor sair lá de Itumbiara e vir pra cá, se a senhora lá tinha casa e aqui não?**

Não, lá não tinha casa, eu pagava aluguel também, né? Porque esse dinheirinho pouco, pagar aluguel, comprar leite, pros meninos compra a caixa de leite. Quando eu ia no mercado, trazia 2 caixas de leite, fazia uma comprinha ainda. Sobrava né, sobrava muito pouco. Aí tava ruim porque meu genro disse que não tava arrumando serviço, mas serviço lá tem demais. Ele trabalha em firma, não tá arrumando, ele falou, não está arrumando serviço de servente. Eu procurar serviço, eles não me davam. Ela (filha) dizia: não, mãe, a senhora tem que cuidar dos netos, a senhora não pode trabalhar. E também eu fiquei achando difícil, que né, menina dela ser esse problema, ela bebe demais, sabe? Eu não podia também sair, para deixar os meninos com ela pra sair para trabalhar, não podia confiar, que ela bebe de ficar na calçada com uma semana ou duas. A gente pode ir atrás que ela não vem.

**E há quanto tempo ela tinha essa situação? Lá em Itumbiara, ela vivia isso, bebia muito e ficava um tempo na rua? Desde quantos anos ela fazia isso lá?**

Ela bebe direto. Desde que ela nasceu. Ela está com 26 anos, a outra com 27, a mais velha. Está presa. Desde que ela nasceu, ela é desse jeito, nasceu paralítica. Ela andou dentro de uma igreja evangélica. Quando eu pedi a Deus, ela andou. E falar pro senhor, eu tenho sofrido com minha família. Eu perdi um filho matado, lá em Itumbiara. Um traficante matou ele por conta de uma mulher dele, que ela era enrolado da mulher do traficante. Matou meu filho, tem 7 anos. Aí, minha menina agora cai na cadeia. Não sei o que está passando, não sei.

**A senhora falou que tem uma filha mais velha, que também está preso?**

É a mais velha, Adriana. Ela ficou aqui (abrigo), todo mundo aqui fala bem dela, gosta dela demais, que ela tem muita Caridade, sabe? Ela ganhava aquele tanto de cestas, trazia e entregava tudo aqui. E o tanto de trem que ela dava pras crianças? Presente, roupa.

**Adriana também morou com a senhora em Itumbiara?**

Morava, ela tava morando lá na minha casa, eles pegou ela lá na minha casa. Chegou 3 carros de polícia.

**Mas Adriane também bebia, ficava na rua?**

Não. Ela nunca bebe, ela estava mexendo com Crack. E foi aonde que ela caiu na cadeia, não sei se é por conta do crack, se é por conta de briga, por conta de qualquer coisa. Eu não sei porque não eles quis falar. Eu nem sabia, ela estava morando de boa comigo. Vim buscar ela nessa adega (supermercado) aqui. Aí a Cida ligou pra mim,e falou vem buscar a sua filha, ela ta doida pra ir pra onde tá a senhora, porque o marido dela tinha largado dela, ele também mexe com crack, ele tava preso aqui na papuda, também, pelo mesmo problema dela é o dele, ele já saiu, ela tá lá.

**Mas eles usam também? (8:58)**

Não, eles só fumam os dois. Eu creio que ela vai sair, assim, porque ela está com saudades dos filhos, assim, bem liberta, não vai ter vontade de mexer, porque a pessoa ficar na cadeia, a pessoa lembra tudo o que passa, ali, né, tem que conservar.

**A senhora com a rua, é, já ficou antes na rua?**

Não, graças a Deus nunca fiquei.

**É a primeira vez da senhora?**

É, quer dizer, eu fiquei ne rua assim, não fiquei ne rua, que sempre eu tinha um lugar pra morar, quando eu criei meus 3 filhos sozinha, que eu criei eles, eu e Deus. Sozinho não cria, né? Cria com Deus. Então criei eles assim, pra hoje já estava aqui, amanhã eu estava ali, mas assim sempre arrumava um, eu pagava alguém para deixar eu ficar com os meninos uma semana, duas. Aí quando não dava mais, meus meninos brigando com os filhos da mulher, ou os filhos da mulher brigando, aí eu falava, há não, não dá não, eu, meus filhos tá brigando, parecendo que tá fazendo Caridade, eu não posso fazer assim. Aí eu partia para outro canto, aí a única cidade que eu fiquei morando, que eu conheci, quando meus filhos era tudo pequeno, e firmei com foi Itumbiara, onde que eu tava morando agora.

**Antes de Itumbiara a senhora estava morando onde?**

Morava lá em Bom Jesus de Goiás. Morei lá em Santa Helena, morei nesses lugares aí.

**Teve outras cidades também?**

Não, conheço muitas cidades, mas que eu morei foi só essas.

**A senhora trabalhava antes? Como era? A senhora hoje tem uma aposentadoria?**

Quando eu tinha meus meninos pequenos, assim, eles ficava na creche lá em Itumbiara, eu trabalhava na boia fria. Trabalhei de varrer rua lá em Itumbiara, catar lixo na cidade, trabalhei 05 anos, 4 anos parece que eu trabalhei. O prefeito morreu, aí embargou o serviço, aí depois eu entrei no tempo de José Gomes, é um prefeito bom de lá, o melhor que nóis tinha lá, nossa ele era ótimo, ajudava mesmo a família carente. Nossa, mataram ele em cima do palanque na rua, que eles estavam em cima da coisa, fazendo carreata, matou em cima da carreata, mataram ele, um policial que tava cuidando dele, o cara que ficava, mataram três nesse dia, eu sei que foi três, aí aconteceu isso.

**Essa aposentadoria da senhora é, é por tempo de serviço que a senhora tem ela, como é?**

Não, eu trabalhei muito pouco, né? É depois que eu fiquei mais de idade, que eu fui constatar, tava com 55. Agora estou com 57, já. Aí já tava no dia de aposentar, eu aposentei. Eu fui aposentar lá no Paraná. Foi assim, eu fui pra lá mais a minha menina que tá presa. Nós ficamos lá um ano na casa da sogra dela, perto da casa da sogra dela, morando. Nóis ficou uma semana na sogra dela, até arrumar a casa, né? Aí nóis arrumou um barraquinho que nóis foi morar. Aí ela falou assim, mãe, senhora, quer por aposentar aqui? Falei, ué minha filha, se for fácil, quero. Tem lugar que é difícil. Aí o tio do marido dela falou assim, me dá seu documento que eu vou levar pra doutora Ana Paula, que ela aposenta a pessoa rápido. Aí eu dei, falei, então tá, leva, dei os documento tudo, né? Menino, não levou quatro dia ela chamou eu para receber. Eu já estava no dia mesmo, né, passando da hora. Ela falou, não Dona Vera, a senhora está passando da hora. O meu é um TCC, sabe?

**É o BPC, benefício de prestação continuada?**

É, mas eles fala que vai corta, não corta não.

**A senhora estudou até que série?**

Eu nunca estudei, fala pra você. É verdade que minha mãe morreu, eu fiquei com 03 anos de idade. Meu pai morreu tem pouco tempo, agora. Aí meu pai trabalhava fora, em sete lagoas de minas, trabalhando, assim, em carvoeira. Depois, ele passou a trabalhar de pedreiro, por fora e não ficava em casa, máximo que ele ficava em casa, vinha com 15 em 15 dias, ver nóis e fazer dinheiro. Aí então, meu pai, depois que a minha mãe morreu, meu pai achou muito difícil ele cria nóis. Nóis ficou tudo pequeno, eu com 3 anos, o meu irmão mais novo ficou com 1 ano e meio. O outro mais velho que eu ficou mais grandinho, mas ficou, não sei a idade, mas ficou mais grande um pouco. Aí meu pai esparramou nóis tudo pros outro, cada um criou nóis. Aí eu fui criada com um fazendeiro chamado Geraldo Fernando.

**Ele era parente do seu pai?**

Não, não é nada. Aí surgiu essa tal do seu Geraldo Fernando, e até já faleceu. Mas ela ruim para mim, menino, mas batia em mim de chicote. Apanhei, viu? Aí, eu com 7 anos já tinha quintal na lavoura de café, lavoura de arroz para cortar arroz de cutela, eu não sabia, ele me batia. Eu vivia trabalhando pros outros. Hoje eu conheço muita lavoura, eu sei mexer porque eu trabalhei cedo. Então aprendi a trabalhar cedo.

**E essa lavoura era onde que a senhora trabalhava?**

Era lá na cidade de pequi mesmo, perto da casa dele, da fazenda. Ele mexia com muita lavoura. Perto de sete lagoas, quase chegando em BH.

**Mas a senhora sabe ler e escrever?**

Não sei, não senhor. Nem fazer meu nome dou conta.

**E os filhos da senhora?**

Meus meninos estudou até na quinta série. As meninas estudou até na quinta, o meu menino mais velho que morreu estudou só na terceira feira, porque ele fazia arte demais na escola, pulava muro, aí não quis estudar mais, não, parou.

**E as meninas?**

As meninas estudou até a quinta série.

**E depois elas continuaram mais?**

Não. Por conta da gente viver mudando, daqui para ali. Na época, não tinha nenhum benefício. A gente morava numa casa e o povo pedia, eu tinha que ir para outra. Era difícil.

**Eles trabalhavam também?**

Não, na época não. Porque eles eram mais pequeno, né? Mais novo, né? Não pegava gente novo de serviço, primeiro, agora já pega parece. Trabalhava, não. Agora eu tenho meu menino que mora em Itumbiara, mais novo, ele trabalha direto numa oficina lá. Na oficina ele trabalha de lavar carro, polir carro.

**A senhora nunca foi presa?**

Graças a Deus, nunca fui.

**E a senhora comentou que a sua filha de 26 anos, ela nasceu paraplégica.**

Foi, nasceu com pobrema aí.

**Com deficiência na perna?**

Deficiência na cintura até nas pernas. Ela repuxava as pernas tudo. Não andava. Aí ficava só deitada. Eu tinha que por comer na boca, água, dar banho, cuidar dela. Isso foi muito tempo, eu nesse tempo era novinha, ainda eu cuidar dela. Eu larguei meu marido eu era bem nova, aí fui cuidar desses meninos, cuidando dela. Aí eu tenho muita fé com Deus. Aí entrei no banheiro e fiz um voto só eu e Deus, com Deus, pedi para Deus, aquela situação, pra ter misericórdia. Se ele pudesse fazer uma obra na vida da minha filha, que ela podia andar, Deus podia fazer com que ela andasse, que eu ia agradecer muito a Deus com o dinheiro lá de ajuda eu pus, graças a Deus, aí levou 6 meses, ela andou. Fui numa cruzada da assembléia de Deus, que teve, o povo convidou pra toda igreja ir e eu fui, falei, vou hoje, vou, tenho fé que vou receber essa benção, hoje eu recebo essa vitória pro cê. E fui pra igreja, cheguei lá, tô lá de boa, sentada, todo mundo sendo chamado na regulação e eu não, falei o meu Deus, mas eu pedi tanto pra Deus, como é que eu vou, minha filha ser curada, vai chamar ela. Aí, eu tava, o povo tudo indo embora, aí foi a última, aí foi quando o pastor falou assim, aqui tem uma mãe que tá com uma filha paralítica. Falando desse jeito, e Deus está chamando essa mãe aqui no altar, pra ela contar a vitória, porque a filha já vai andar, e a senhora pode por ela no chão que ela está dormindo no seu ombro. Eu estou vendo ela deitar no seu ombro dormindo, eu falei, eu não pensei duas vezes, aí eu botei ela no chão, ela veio querendo cair pro meu lado, falei, não, por Deus do céu, fica aí, fica aí, minha filha. E afastei assim, e ela foi andando, foi andando, andou pra todo lado.

**Ela tinha quantos anos nessa época?**

Na época ela tinha 8 meses. E andou, a menina. Mas andou. Porque os meus meninos anda cedo, ou esse netinho, meu, o senhor vê o tamanhozinho dele ali dentro, um bebezinho mesmo, um aninho, anda pra todo lado, os meninos da minha menina também é assim, conversa demais, fala tudo, fala papai, mamãe, dadá, pede dadá, pede tudo.

**E nessa época a senhora conseguia atendimento na saúde?**

Conseguia, graças a Deus, conseguia.

**Ela fez acompanhamento na saúde?**

Fez, mas ela tinha que fazer mais consulta, depois cabo os remédios, mas até hoje ela não quer consultar, cresceu, né? Depois que cresceu, os filhos, a gente não dá conta de carregar eles mais, aí, não quer ir, ela é forte, ela teve aqui, ela é bem fortona. Aí não quer ir no médico, o marido dela compra os remédios para ela, que sabe que ela toma. Aí ela toma assim uns 15 dias depois começa a beber e tem que parar, não pode tomar remédios.

**Que remédios são esses?**

Olha, toma carbamazepina, tomas uns remédios lá com os nomes esquisitos, nem sei o nome. Sei que é remédio pra ela acalmar, né? Que ela é muito nervosa. Aí ela toma, ela dorme, ela come bem, mas quando ela tá decidida entregar a vida já só pra bebida, a vida dela vai acabando. A gente está vendo aquela pessoa acabando.

**Ela só bebe ou usa alguma outra coisa? O crack.**

Não, ela só bebe. Ela já fumou muito, mas largou, agora ela tá só na bebida. Ela bebe demais, nossa, meu Deus. Ela começa com cerveja, aí passa pra pinga, pinga purinha. Aí vai bebendo.

**E a senhora tem algum problema de saúde?**

Não. Eu tenho assim, sinusite, eu tenho é rinite alérgica. Essas coisas.

**E a senhora consegue atendimento na saúde?**

Ai eu não fui aqui, no médico, ainda não. Eu tô tomando os remédios que eu trouxe lá de Itumbiara, ainda. Aí, mas aqui como é frio eu sou alérgico, eu não se dou com lugar frio. Aí eu estou com o peito mais cheio, assim, né? Ai, passa, um dia passa, tudo, que eu não vou ficar só aqui.

**Mas a senhora não procura porque?**

É porque eu estou tomando os remédios que o médico passou lá de Itumbiara, esses dias que eu vim pra cá. Ai to esperando acabar que as remessas para mim ir de novo. Tem muito remédio aí, eu estou tomando tanto de remédio, comprimido, em vidro. Os meninos, eu levei ali no postinho ali em cima esses dias. Ele estava com pneumonia, o pequeno, esses dias, passou, graças a Deus.

**E como é que foi pra senhora conseguir essa vaga?**

Olha, o povo da abordagem, que disse que a abordagem chega na rodoviária, né? Aquelas moças que leva a pessoa para o albergue, que tem um carro deles levar. Aí eles pegou nóis lá, perguntou se nós queria ir para o albergue, que nóis queria. Se tiver jeito de nóis ir, nóis quer, porque nóis está aqui desde ontem, falando com ela, no dia que nóis chegou, nóis ficou até o outro dia, e nóis té sem lugar pra morar, nóis não arrumou emprego ainda. Ela trouxe nóis para aqui, ela falou que tem uma vaga lá no Sebastião, se vocês quiserem ir, eu falei nóis vai, aí nóis veio pra cá.

**Vocês conseguiram outro atendimento na assistência, ou por enquanto só no abrigo?**

Não, a assistente social converso com nóis, quando nóis chega, né? Duas, uma atende o dia que chega, no outro dia chega outra e conversa também. Aqui é assim. Aqui em Brasília tem o albergue, fiquei mais de ano no areal. Lá, só que lá tem psicólogo, né? A gente conversa com psicólogo também, aqui não. Aqui não tem isso não. Nunca ouvi aqui.

**A senhora já ficou outras vezes em abrigo?**

Já fiquei, mas eu fiquei com a mãe dessa minha menina que está presa, com esses mesmos bebês, eles eram enrolados no pano. Agora já tá o outro com 03 (anos). Eu num sei a data, não. Já tem pra mais de uns 2 anos que eu não vou lá.

**Mas antes disso a senhora já tinha ficado em abrigo?**

Não, o primeiro, foi areal e aqui.

**A senhora mencionou que em Itumbiara era atendida pela assistência social também. CRAS?**

Lá era, eles me atendia. O Conselho tutelar, tudo me ajudava, com cesta básica. Me ajudava com fraldas, essas coisa pros meninos, leite. Eles iam lá em casa, fazia o grupinho, pedia ajuda no grupo, o povo ia lá levar a cesta básica.

**E aqui a senhora já procurou o CRAS?**

Não, aqui eu não procurei, não. Não, eu fui, eles me levou um dia lá. Foi, diz que é o CRAS, me levou um dia lá pra conversar sobre os meninos tal, né? Aí as moça do Conselho Tutelar falou que tem que pegar a guarda deles para mim viajar, que é perigoso viajar sem a guarda, ir pra cidade grande, para fora, perigoso eles não deixar eu viajar. Aí, então eu estou esperando só essa guarda sair, porque eu ia pro paraná, pra casa da avó deles. Porque eles tem a avó deles lá. Mãe do pai deles, mora lá, até liguei pra ela, já tinha conversado. Eu ia ficar morando lá, alugar uma casa, que lá é roça, né? Ia chegar na cidade, ia para a roça lá, lá pega um ônibus que vai pra roça e leva o povo pra roça. Paga 20 real, baratinho. Mas a Cida falou que é melhor ir para a cidade de Arizona, porque a minha filha está lá para ficar mais, pra dar força para ela. Porque entro lá, dou força para ela, para ela poder ficar mais alegre, né? Tadinha. Tem 8 meses que ela tá lá, não vê os meninos, não me vê. Aí está falando pra mim, mió ir pra esse tal de Arizona, porque ela estava em Corumbaíba, agora lembrei, um tal de Corumbaíba, nem sei onde que é isso.

**Os meninos já foram pra alguma creche? Escola?**

Aqui, não. Em Itumbiara eles estavam estudando. Eu vou levando a transferência, onde que eu estiver, eu ia por aqui, né? Aí a Cida falou, você vai ficar muito pouco aqui. Não adianta você ficar tirando, pondo, porque os meninos não aprende nada, aí deixa pra você por no lugar certo, onde você tiver, você não vai passar, só ficar aqui. Porque se eu for alugar uma casa aqui ela disse que ia me ajudar, mas não quero ficar aqui porque não é que eu não quero ficar aqui, é porque aqui é cidade grande. Pra eu poder ficar aqui com dois meninos, eles falam que em Sebastião tem muito essas pessoas que eles fala que rouba da gente, ataca a gente. Eu não sei, que eu não conheço isso aqui tudo, né? Eu morei, foi pra lá, pro areal, pra lá eu sei que é bom, morei lá, porque lá ninguém nunca mexeu com nóis, graças a Deus. Era mais fácil para receber, aqui a gente vai longe para receber.

**Os meninos vão ao médico?**

Vai, esses dias eu levei ele. Antes do natal, levei no postinho ali em cima, o médico atendeu ele. Tá gripado, toma xarope, eu comprei xarope, a Cida também trouxe um xarope para ele. Está miorando já, é porque aqui é frio, igual eu falo pro cê, assim, meu netos é igual eu, é tudo alérgico, enquanto tiver morando aqui, eles vai tossir, vai escarrar, mas se a gente for para um lugar mais quente, igual Itumbiara, é quente, lá é calor, lá pode chover que tá calor mesma coisa, aqui já é mais frio, né? Chove e é frio. Aí, eles não tá se dando bem não, parece, tá tossindo muito.

**No CRAS aqui, onde a senhora foi atendida, marcaram para a senhora voltar de novo?**

Falou para qualquer coisa que precisar posso voltar lá, levo o encaminhamento daqui e posso voltar.

**A senhora recebe o auxílio Brasil/bolsa família?**

Eu sou aposentada, né? E eu estou recebendo o auxílio Brasil, acho que é auxílio brasil, da minha menina, mas como eu ia cadastrar o cartão lá em Itumbiara, que não está no meu nome, porque o Conselho Tutelar pegou com ela e passou pra mim pegar o trem pra receber pros meninos, aí eles pegou e não quis cadastrar lá no CRAS de Itumbiara, que eles falou que não pode Dona Vera, porque não está no seu nome, depois dá problema, dá problema porque gente? Se o Conselho Tutelar deu esse cartão na minha mão, para entregar esse dinheiro para os meninos pra comprar fralda, leite. Porque o meu demora, porque quando o deles cai, o meu não está pra cair, o meu demora. Aí eles vai ficar, então, sem leite, falei com ela, agora esses dias tá sem leite aqui, que meu dinheiro não caiu ainda, né? Minha menina tinha recebido e foi embora, não comprou leite pra eles.

**A senhora se considera branca, preta, parda, amarela, indígena?**

Parda.

**A senhora está com quantos anos?**

Eu tô com 67, fiz esse mês de outubro.

**A senhora sempre trabalhou na roça?**

Sempre trabalhei na roça e depois quando está no Itumbiara, trabalhei três anos na prefeitura de lá.

**Na prefeitura a senhora fazia o quê?**

No começo eu varria rua, né? Aí depois eu fui catar lixo na cidade, né só isso não. Aí quando tinha um serviço de homem, eles punha nóis pra arrancar grama. Punha nóis pra plantar, ajudar a plantar aquelas graminhas, assim. Aí, ajudava com tudo quanto há lá, fazia serviço geral lá. O serviço era geral lá, o que mandasse tinha que fazer.

**A senhora mencionou que a senhora já teve no Areal, mais ou menos uns 2 anos atrás, não é?**

É. Tem uns 2 anos que eu não vou lá, que eu fui lá, né? Aí fiquei lá, fiquei uns 6, 7 meses.

**E aqui tem quanto tempo que a senhora tem?**

O senhor sabe que eu nem perguntei à Cida? Tem pouco tempo que eu tô aqui. Aqui tem mulher aqui da época que a minha menina ficou aqui, ela saiu presa, ela já saiu daqui tem uns quatro meses, quando eu busquei ela, tem gente do tempo dela aqui. Fica muito tempo aqui.

**Mas aqui a senhora já tem 1 mês?**

Não, não tem um mês, não. Tem uns 15 ou 20 dias, da pra fazer o mês. Vim poucos dias agora antes do natal.

**A última casa que a senhora morou foi essa em Itumbiara?**

Foi essa aqui e lá. Lá no areal (abrigos). Casa que eu pagava aluguel, morei lá em Itumbiara, morei em Minas, onde fui nascida, em pequi. Eu nasci em pequi de Minas, perto de sete lagoas de Minas, morei na cidade papagai de minas, que é onde o pai da minha menina mora, lá eu pagava aluguel, morei um ano lá. Mas tem muitos anos, meus meninos era muito pequeno. Tem muito tempo. Aí eu larguei do pai dele, que ele bebia demais, me batia. Na época ele bebia muito, mas bebia. Agora ele parou de beber, depois de velho.

**Tem quanto tempo que a senhora separou dele?**

Há, Não. Eu nem tem idéia de época não. Eu larguei os meninos tudo enrolado no pano. Tinha um com um aninho, mais novo. Está trabalhando lá em Itumbiara.

**E ele batia na senhora porque?**

Há, cachaça. Ele trabalhava no vale do amanhecer, no centro espírita, aí chegava, chegava bebo, caindo no chão, batia em mim, um dia amolou uma faca desse tamanho, disse que era pra matar os meninos e depois matar eu e ele. Bebia demais, ele era perturbado. Tinha uma legião de demônio nele. Aí um dia chegou na igreja evangélica e quebrou o vidro da igreja todo, que eu estava dentro da igreja orando. Chegou, meteu o pé, quebrou tudo a igreja. Aí falou, passou com aquele olho desse tamanho, igual fogo, assim, pulando os bancos, aí o pastor perguntou o nome dele, do demônio, há, meu nome é capa preta, eu vou matar todo mundo aqui dentro. Aí, saiu pulando o banco, assim, eu nem fiquei com medo. Eu não tinha medo também não. Aí eu tava com Deus, tava servindo a Deus, não tinha porque eu ficar com medo, pra quê? Aí fiquei assim, o povo (dizia) sai dai, (respondeu) não tem perigo não. Eu vou orar ele, se ele vier, aí fiquei expulsando assim, sai, sai da vida deles demônio. Todo mundo começou a orar, pedir a Deus, expulsando. Aí ele foi e melhorou, mas levou uns 15 dias pra ele ser liberto, mas toda vez que ele chegava na igreja, ele chegava com uma legião de demônio, o pastor falava, nossa, eu nem vou pregar o olho, vou ficar só por conta de expulsar o demônio do seu marido. Falei, há não, Deus me livre, dá não jesus, só Deus. Aí um dia ele pegou e nóis dois tinha brigado, ele pegou uma foice pra me matar, só que ele não conseguiu,não, aí eu corri e escondi na casa da vizinha, que era também da igreja. Aí ele foi dormir na casa da mãe dele porque não achou eu. Ai no outro dia fui lá na mãe dele, ele tinha saído pro serviço, trabalhar no serviço de roça, capinar roça, plantar, essas coisas, o serviço que dá muito lá em minas é isso, aí pegou, sabe de uma coisa, falei pra minha sogra, sabe de uma coisa, Dilza, ela chamava Dilza, ela morreu também, tá com três anos que ela morreu, eu falei, sabe uma coisa, Dilza, vou arrumar meus trem e vou cair, vou embora com meus filhos, aí só que o mais novo eu não podia levar porque ele falou pra mim, se algum dia você for embora, largar de mim, você não leve meu filho mais novo, não, que eu vou atrás de vocês e te pego onde você tiver. Aí eu pensei, como é que eu faço, aí a avó dele falou, não, pode deixar ele como nóis, não precisa levar ele não, esse que trabalha em Itumbiara. Aí ele foi criado com o pai dele e com a mãe do pai dele. Ele não foi criado comigo, não. Aí ele não devia, não, que ele era muito pequeno, ia sofrer muito, que eu fiquei dormindo daqui pra ali, e os outros eram maiorzinhos, falei, então, não vou levar não. Mas fiquei com saudade dele, vontade de voltar no mesmo dia. Eu voltar lá, aí que aquele homem vai me matar mesmo, que aquele homem é perigoso demais. Vou voltar, não.

**E ele está onde? Lá em Pequi?**

Ele mora lá em papagaio de minas, perto de pompel de minas, ele mora lá, mas hoje ele parou de beber, serve a Deus na igreja. Graças a Deus, tanto de oração que a gente fizeram pra ele, que ele saiu. Largou o mal.

**A senhora já morou de favor na casa de alguém, de algum parente, de amigo?**

Olha, uma vez eu morei muito tempo na casa de uma prima minha lá. Lá em papagaio mesmo, onde que o pai dos meus meninos mora. Morei lá, mas ela gosta muito de mim, sabe? Ela fala pra mim, ela liga direto, ela fala pra mim que a hora que você quiser vir morar aqui em casa, cê pode vir, mas porque eu chego lá e não deixo ela fazer nada, arrumo tudo pra ela Ela é muito doente, teve problema de coração, as veia muito, tudo rebentadas, assim. Direto ela tá no médico. Muito doente. Aí eu pego e arrumo tudo pra ela, não deixo ela fazer nada. Eu só não faço comida, não gosto de fazer comer pros outros. Falo pra ela, você só faz a comida, a roupa eu lavo, a casa eu arrumo. Aí ela fala, se não fosse você, como é que eu ia ser, porque eu não dou conta de trabalhar mais, enquanto eu estiver aqui eu arrumo tudo, pode deixar. Aí ela deve tá com saudade de mim, porque ela liga direto e eu to com esses meninos tudo agora, eu não estava com menino na época, eu ia pra ficar lá mês. Namoro maior é meus meninos, agora com tô com os netinhos, tenho que cuidar deles, tadim.

**E quem mais ajudou a senhora, deu força nos momentos mais difíceis?**

Assim, para você falar a verdade, quem me ajudou mais assim, assim você fala assim para ajudar a cuidar dos meninos?

**É, ou antes dos meninos, quando a senhora não tinha os netinhos, mas tinha os filhos da senhora?**

Quando tinha meus filhos, eu achei uma mulher que morava lá em Castelândia, perto de Bom Jesus, eu fui pra essa cidade lá, aí cheguei lá conheci essa família. É uma mulher que chamava Maria Vitalina dos Santos, que jesus recolheu ela. Ela era crente de uma assembléia de 30 anos, Deus chamou ela na obra de Deus, ela Foi trabalhar na obra de Deus, até a morte dela foi revelada, que Deus estava documentando mais um ouro pra coroa dela. Jesus tava pra buscar ela a qualquer momento. E ela chegou um dia que ela faleceu, mas eu achei ruim viu. Essa mulher era que nem minha mãe para mim, era boa demais. Não seu se é porque não conheci minha mãe direito. Aí eu gostava dela demais, nossa. Ela criava na casa dela, era aquele monte de menino. Se acha que era dela? Ela pegava para cuidar e não cobrava, não. Cuidava daqueles meninos tudo. Aí ela ficava, eu fiquei na casa dela com esses meus meninos. Ela ajudou eu cuidar dessas meninas até crescer, ficar mocinha. Morei dentro da casa dela, ela é mãe de 20 filhos, 23 filhos, solteiro, só homem, só duas mulher. Aí eu fiquei lá até as meninas ficar mocinha assim. Aí eu falei agora Dona Maria, tá tudo mocinha, eu vou caçar um rumo pra mim. Ela disse não sai daqui não, nóis gosto demais d’ocê. Não, não, eu vem aqui passear todo dia pra ver a senhora, que eu gosto demais da senhora, a senhora é igual a minha mãe pra mim. Aí aluguel uma casa perto de um policial lá, chamado cabo Cruz. Aluguei a casa perto dele, na cidade de Itumbiara, é onde que eu gostei mais, morei até hoje, vim pra cá ficar aqui, agora, quando a minha menina tava batendo muito no meu neto, né, eu não aguentei ficar dentro de casa, falei, vou sair, porque para nóis ficar junto não dá certo. Morando junto, não dá certo, porque você briga demais com o menino. Ele é pequeno, não entende. E tá sem a mãe dele aí, então, ela mesmo falou, um dia Deus tocou nela e ela falou, mãe vamos para Brasília, falei vamos, vamos para Brasília, nóis vai, que aqui não to aguentando mais ficar pagando aluguel, caro, vou pagar aluguel de uma casa que é a mesma coisa, melhor tá no terreiro ou dentro de casa, molhava tudo, pagava 400 conto, uma casa velha, caindo aos pedaços, falei, não vamos embora. Aí, eu falei com o senhor sebastião, dono da casa, amanhã to indo embora, vou pagar aluguel mais não. Aí nóis veio pra aqui e aconteceu isso que relatei.